

RETRATO DELICADO DO BRASIL E DA ALMA HUMANA *Central do Brasil*¹

Gilse H.M. Fortes²

Com o tema da busca de identidade, o filme é um retrato delicado e contundente do Brasil e da alma humana. De um Brasil estruturado sobre capitais especulativos, oficialismo e megalópole, Walter Salles Jr. redesenha a partir da rua, da Central, um outro universo que, de tão ao lado, muitas vezes ignoramos e, certamente, a “economia nacional” já esqueceu. Nessa viagem, os anônimos atores do dia-a-dia, seu endurecimento e sua inusitada e profunda humanidade apontam a busca apaixonada e esperançosa como um motor que rompe com o esperado.

Os personagens centrais, Dora e Josué, modificam-se pelo encontro, não harmonioso e aguado, mas conflituoso e intenso de duas esferas de visão. A desesperança com o mundo posto e explicado, talvez não por acaso uma professora já de idade e aposentada, e a esperança que não quer se entregar e acredita, um menino só. Aliás, em diálogo recorrente sobre o pai de Josué, na verdade, confrontam-se duas imagens do povo brasileiro: Dora, afirmando que o pai é um bêbado, um vagabundo, e Josué, teimosamente dizendo nome e sobrenome e que seu pai é um

¹ Resenha sobre o filme *Central do Brasil*, de Walter Salles Jr. Trabalho apresentado na disciplina de Cultura e Educação Brasileira: Leituras do Brasil, do curso de mestrado em Educação da UPF.

² Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo – RS

marceneiro de mão cheia que constrói móveis, etc.

Vários elementos da cultura brasileira aparecem compondo o pano de fundo do enredo. A religiosidade aparece na *Central* na figura de um pastor “de plantão”, com a Bíblia em punho, e na capelinha com altar e imagem de santa. Nos nomes dos personagens da família de Josué, todos bíblicos, do Antigo Testamento. Na casa de Dora, na imagem religiosa e já desgastada na parede. No caminho, na figura do caminhoneiro “de religião”; na viagem com os romeiros e no ritual da romaria do padre Cícero. O analfabetismo e a carta, como constância em todo o filme, contrastando com a telemática que, “achamos”, dominam nos lembrando de um outro e mesmo Brasil. A bebida aparece em Dora, no caminhoneiro, na fala-carta dos anônimos. A violência urbana no modo de vida, de transporte, de moradia ou não-moradia da grande cidade. A violência de urbanização na uniformidade arquitetônica absoluta da cidade nova com as casas que ainda chamamos de BNH. E a lógica perversa explícita na sequência do roubo do *walk-man*, onde um pequeno objeto de contrabando, obedecendo à “lei” do meio, vale uma vida, apagada friamente pelo burocrata da repressão de plantão; a situação dos menores e a conexão com a venda de órgãos por máfias especializadas.

Ainda na cultura, é importante registrar a visão não folclorizante do Nordeste assumida pelo filme, sem forçar sotaque, sem tomadas esperadas. Um filme de estrada e viagem real, não turístico, como estamos acostumados a ver nas produções de TV e de cinema. É um povo de alma simples e fê profunda que toma a tela, não a pasteurização e fetichização do folclore e do turismo.

É uma viagem para dentro do Brasil e de nós mesmos. Sai-se do cinema modificado, com a alma impactada diante da sutileza e profundidade do filme que, com seus *travellings* e *closes*, nos fala do Brasil e de nós. O *travelling* nos mostrando que a vida passa, e o *close* nos lembrando de nossa própria presença pela presença do outro. O impacto não de imagens mirabolantes e de truques pirotécnicos, mas de uma linguagem cinematográfica gestada com maestria por técnicos e atores apaixonados pelo projeto. Uma imagem feita com a racionalidade e a lucidez de um cineasta que, em seu terceiro longa - *A grande arte* (1991), *Terra estrangeira* (1995) -, não intenta despertar emoção barata; faz um filme pensado para que a humanidade e a delicada esperança possam tocar o espectador. Também não é um filme de denúncia, mas suas imagens gritam uma realidade e ao mesmo tempo uma possibilidade humana de modificação. O mundo não está posto e acabado. A própria gênese do filme atesta. A idéia nasceu da correspondência entre Krajcberg e Socorro Nobre, presidiária que por acaso encontrou numa revista uma reportagem sobre o artista Krajcberg, ficou sensibilizada pelo seu trabalho em defesa da natureza e escreveu-lhe uma carta. Dois mundos tão díspares em diálogo. Dois personagens tão afastados se encontram pela carta, modificando trajetórias.

Aliás, o acaso merece uma observação especial e vem contribuir com a idéia de modificação. Walter soube na casa de Krajcberg sobre as cartas que este trocava com Socorro. Primeiro realizou um documentário com Socorro ainda na prisão. Depois a idéia do filme começou a tomar o corpo e a alma do cineasta, como ele pró-

prio ressaltou. Ao acordar em uma manhã, a estrutura do *Central do Brasil* já estava toda em sua cabeça. Até o próprio financiamento tem o acaso; com o roteiro já escrito por Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein, foi perguntado se não inscreveria o roteiro no concurso de cem anos de cinema do Sundance Festival. A organização havia instituído um prêmio para cinco roteiros que seriam escolhidos entre dois mil candidatos. Faltava, então, uma semana para esgotar o prazo de inscrição, não havia tempo de o roteiro ser traduzido para o inglês, conforme exigência do concurso. Mandou em português mesmo três dias antes de esgotar o prazo. Duas semanas depois, recebeu um telefonema avisando-o de que seu roteiro tinha sido um dos escolhidos “apesar da ousadia de ter sido o único a enviar em língua original”. Casualmente um dos membros do júri falava espanhol e gostou muito do que leu. Teria um prazo de duas semanas para reapresentá-lo traduzido. Ganhou incentivo do Sundance Festival, em um concurso de roteiros, “quando o cinema brasileiro é criticado no exterior justamente por causa da má qualidade dos roteiros”. Quando na pré-produção do filme, buscava um ator mirim para viver o papel de Josué. Após mais de mil testes sem se decidir, “foi encontrado” por Vinícius no aeroporto, com detalhes já divulgados amplamente. São acasos captados por almas sensíveis e abertas. Na pluralidade da produção cinematográfica brasileira pós-*era Collor*, acredito que é o filme mais revelador e instigante. Talvez o melhor filme brasileiro dos últimos tempos, quando houve boas produções.

Voltando ao tema da busca de identidade. Vê-se em Dora uma mulher amar-

gurada, fechada emocionalmente como forma de sobrevivência na realidade hostil. Durante a viagem, vai-se transformando, despertando sentimentos que viviam nela sem expressão. Abre-se aos poucos como um casulo, rompendo a casca do embrutecimento de tantos anos. Quando escreve a sua própria carta no final do filme, é um personagem revelado, alterado pelos sentimentos que retornam em relação à sua própria infância, pais, memórias. É a mesma Dora, porém mais humanizada. Nas palavras de Walter: “é a sua redenção”. Após a morte trágica da mãe, Josué segue em busca do pai, de sua raiz ausente. O personagem vai-se desvendando na sua relação com Dora, este *outro* que inicialmente ele nega. Mais tarde, chega a trocar o nome diante do irmão, se esconde no Geraldo para ficar com ela. Entretanto, Dora, absolutamente lúcida e solidária, resolve partir deixando-o ali, no lugar que ele ansiosamente buscou.

Podemos discutir se é este o caminho do Brasil. Será que a saída é o retorno? Será que não há nada de humanamente sustentável e coletivamente possível nos grandes centros urbanos? Mas essa seria uma outra discussão que, creio, o filme não propõe. O cenário desértico e violentamente seriado - BNH - do final nos coloca mais uma busca humana do que uma saída social.

A primeira vez que assisti ao filme foi em uma sessão das 14 horas na Casa de Cultura Mário Quintana, sala repleta, já era o vencedor do Festival de Berlim. Posteriormente, com outros prêmios alcançados, virou uma prazerosa obrigação nacional. Durante o filme, me emocionava a cada tomada e carta ditada, as esperanças de encontros, a dor suprema da busca no

rosto tranqüilo, no sorriso. As lágrimas nublavam o olhar na cena da saída de Dora. Quando resolve retornar sozinha, coloca frente ao quadro de Ana e José as duas cartas, como depositando duas esperanças de encontro agora eternamente adiado. São várias as seqüências que tocaram profundamente os sentimentos. Quando sai da sala, naquela tarde de outono, já não era só eu, carregava comigo aquilo tudo junto; o mundo foi ganhando outros significados, as ruas, os transeuntes, as vozes... Decidi naquele momento que meus alunos teriam de ter também a oportunidade humanizadora de assistir ao filme.

Ainda era outono quando fui com eles. O processo se repetiu; como me sensibilizava aquela história, aqueles gestos. Os alunos, pelos comentários posteriores, tiveram sensações semelhantes. Mas acharam o final muito triste, na verdade não era

um final com Dora casando com o caminhoneiro e Josué sendo adotado, como numa novela ou num *Você decide*. O filme nos dá a sensação de vários finais porque também nos dá a sensação de vários recomeços, é múltiplo. Ver os alunos assistindo ao filme, sabendo cada história de vida, eles também em busca, foi uma sensação ímpar. Nas conversas em aula, o Brasil ressurgia.

A terceira vez que assisti ao filme foi nesta última quinta-feira, em plena primavera, com as colegas do curso de mestrado em Educação. Já era uma sensação assimilada; tornou-se delicada e esperançosa muito mais do que dominada pelo elemento trágico das vezes anteriores. Creio que finalmente sintonizei com a delicadeza e profundidade do filme, deixando que a possibilidade alegre a alma e tome mais conta do coração que o sofrimento.